

## IMPRESSÕES SUBJETIVAS NA ARQUITETURA ABANDONADA

*Subjective impressions in abandoned architecture*

Rafael Ferreira de Souza<sup>1</sup>

### RESUMO

As reflexões contidas neste artigo pretendem salientar a relevância dos processos de subjetivação apreendidos ao explorarmos as cidades e suas arquiteturas. Ao discutir especificamente as percepções e sensações captadas na confrontação com a arquitetura abandonada, busco caminhos de entendimento e assimilação das impressões subjetivas adquiridas nesta experiência vivida da arquitetura. O trabalho inicia-se com uma introdução, seguida por duas seções, a saber: (i) arquitetura, percepção e sentido no lugar do abandono; (ii) imagética na experiência da arquitetura abandonada, e subsequentemente as considerações finais. O estudo apresenta subsídios conceituais de arquitetos-teóricos que utilizaram aportes da fenomenologia em suas escritas, no intuito de elucidar questões existenciais contidas na relação intrínseca entre arquitetura e lugar. O artigo conta também com imagens de arquiteturas abandonadas presentes na cidade de Petrópolis/RJ, na intenção de conduzir o leitor à compreensão do espaço arquitetônico abandonado e de sua linguagem.

**Palavras-chave:** Abandono. Percepção. Subjetividade. Fenomenologia.

### INTRODUÇÃO

<sup>1</sup> Doutorando em Arquitetura pelo Programa de Pós-graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio de Janeiro - PROARQ/FAU-UFRJ. r.rafael.souza@fau.ufrj.br.  
✉ Avenida Dom Pedro I, 637/301, Centro, Petrópolis, RJ. 25610-020.

### ABSTRACT

The reflections contained in this article aim to highlight the relevance of the subjectivation processes apprehended as we explore cities and their architectures. By specifically discussing the perceptions and sensations captured in the confrontation with abandoned architecture, I seek ways of understanding and assimilation of subjective impressions acquired in this lived experience of architecture. The work begins with an introduction, followed by two sections, namely: (i) architecture, perception and meaning in place of abandonment; (ii) imagery in the experience of abandoned architecture, and subsequently the final considerations. The study presents conceptual subsidies of architects-theorists who used contributions from phenomenology in their writings, in order to elucidate existential issues contained in the intrinsic relationship between architecture and place. The article also features images of abandoned architectures present in the city of Petrópolis/RJ, with the intention of leading the reader to understand the abandoned architectural space and its language.

**Keywords:** Abandonment. Perception. Subjectivity. Phenomenology.

Ao caminhar pela cidade, estamos todos imersos nas sensações que a conformação arquitetural e urbanística dos ambientes urbanos nos condiciona. Nosso corpo perpassa os logradouros, sendo insistentemente estimulado por movimentos cinéticos visuais que se deslocam em encontro ao nosso olhar. Estes movimentos contribuem para a construção de uma leitura que desenhamos dos lugares e de seus elementos, em especial a arquitetura.

Neste bojo, podemos considerar a percepção e nosso corpo como signatários de uma condição definitiva que nos assegura uma abertura a compreensão do mundo ao nosso redor. Essas premissas tiveram seu alicerce elaborado com as assertivas da filosofia da percepção, onde o filósofo fenomenólogo francês Maurice Merleau-Ponty (1908-1961), foi proeminente ator de destaque através de suas escritas, que se debruçaram sobre uma nova forma de entender nossa experiência nos espaços, onde a cunhada “consciência da intencionalidade corporal” logrou uma aproximação entre os planos da mente e do corpo:

O olhar obtém mais ou menos das coisas segundo a maneira pela qual ele as interroga, pela qual ele desliza ou se apoia nelas. Aprender a ver as cores é adquirir um certo estilo de visão, um novo uso do corpo próprio, é enriquecer e reorganizar o esquema corporal. Sistema de potências motoras ou de potências perceptivas, nosso corpo não é objeto para um “eu penso”: ele é um conjunto de significações vividas que caminha para seu equilíbrio (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 212).

No ato de andar pela urbe se concatena uma notável mistura de percepções multissensoriais, na relação olho, mente e corpo, que

abarcam a experiência<sup>2</sup> vivida do espaço urbano. Esse espaço tão múltiplo é constituído de fragmentos que constantemente pululam na imagem que detemos da cidade. “Ao ritmo de nosso assombro, de nosso entusiasmo ou de nossa desaprovação, construímos de forma imaginária uma cidade dentro da cidade [...]” (JEUDY, 2005, p. 81).

Neste contexto, arquitetura e percepção parecem ter um desígnio entrelaçado, talvez porque uma vez construída a arquitetura passe a nos falar em instância maior através de nossa dimensão perceptiva. Como evidenciou Holzer (1992), ao situar que desde os anos de 1960 arquitetos e geógrafos se dedicavam a questões inerentes à percepção e seu funcionalismo na formação imagética de nossos ambientes urbanos.

Essa valoração da percepção foi amplamente debatida pelo arquiteto e teórico norueguês Christian Norberg-Schulz (1926-2000), que foi um ator fundamental no esforço de empreender e incluir as premissas da fenomenologia na seara da arquitetura e de desenvolver estudos que apontavam também para uma ontologia da relação entre a arquitetura e o lugar, através da experiência do espaço vivido. E, nesse contexto da elaboração relacional da percepção e da experiência o autor destaca:

O fato fundamental de que qualidades de diferentes tipos são espontaneamente misturadas quando experimentadas. A percepção funciona assim de uma maneira que é basicamente diferente da análise científica. A experiência tem uma natureza ‘sintética’, apreende conjuntos complexos onde os componentes

<sup>2</sup> “A experiência implica a capacidade de aprender a partir da própria vivência. Experimentar é aprender; significa atuar sobre o dado e criar a partir dele. O dado não pode ser conhecido em sua essência. O que pode ser conhecido é uma realidade que é um constructo da experiência, uma criação de sentimento e pensamento” (TUAN, 1983, p. 10).

que não têm relação lógica são completamente integrados (NORBERG-SCHULZ, 1988, p. 19)<sup>3</sup>.

Sensato seria entender que impossibilitados de atravessar as paredes da arquitetura construída ou de escalar seus ápices, rebuscamos nossos sentidos e nossa percepção, galgadas em aspectos psicológicos intrínsecos a nossa existência. E, mesmo que, distintos sentidos e sensações estejam de fato presentes em nosso contato com a arquitetura e o espaço urbano, ainda assim, a visão detém papel central nas acepções de significados de determinado lugar:

Experiência de lugar também está relacionada com a percepção cognitiva que se tem do ambiente. Nesse processo que envolve percepção e senso espacial, [...] as três dimensões do espaço são percebidas pela superposição bifocal e estereoscópica da visão humana [...] (GONÇALVES, 2010, p. 54).

E ainda, segundo o arquiteto estadunidense e professor de história da arquitetura, Leland M. Roth (1993, p. 57):

Uma vez que o prazer que derivamos da arquitetura é gerado por nossa percepção dela, devemos começar considerando como o olho humano e a mente recebem e interpretam os dados visuais da experiência arquitetônica. Como a psicologia da visão e a estimulação sensorial afetam nossa percepção da arquitetura? Talvez o conceito mais fundamental seja que a mente, particularmente a mente humana, é programada para

<sup>3</sup> Tradução livre de: "The fundamental fact that qualities of different kinds are spontaneously mixed when experiencing. Perception thus functions in a way which is basically different from scientific analysis. The experience has a 'synthetic' nature, it grasps complex wholes where components which have no logical relationship are nevertheless completely integrated".

buscar entendimento e significado em todas as informações sensoriais enviadas a ela.<sup>4</sup>

De caráter introdutório, esses conceitos correlatos à experiência citadina e a percepção multissensorial servirão de norte ao desenvolvimento do artigo, onde pretendo atrelar essa matriz existencial-filosófica a questões relativas à arquitetura em estado de abandono. Compreendo assim, que o lugar empreende papel fundamental no delineamento de subjetividades – de sentidos, visões e sensações – que estão presentes em nossa experiência vivida da arquitetura.

De cunho fenomenológico o viés abordado nesse estudo procura sublinhar uma valoração da condição *sine qua non* petrificada na materialidade e também na imaterialidade da arquitetura e do lugar abandonado.

#### ARQUITETURA, PERCEPÇÃO E SENTIDO NO LUGAR DO ABANDONO

Ao pensar acerca da arquitetura abandonada enquanto componente do ambiente urbano, essa assume papel relevante em nossas percepções. Tendo em vista seu caráter multifacetado que pactua distintas formas e símbolos e, que nos servem de base para a apreensão de um todo onde sua condição de materialidade se apresenta de forma singular.

Assim, instrumentalizado pela visão e por nosso corpo – enquanto um conjunto indissociável – esse processo de descortinamento das imagens da cidade influi uma subjetivação que varia entre cada

<sup>4</sup> Tradução livre de: "Since what pleasure we derive from architecture is generated by our perception of it, we must start by considering how the human eye and mind receive and interpret the visual data of architectural experience. How does the psychology of vision and sensory stimulation affect our perception of architecture? Perhaps the most fundamental concept is that the mind, particularly the human mind, is programmed to seek meaning and significance in all sensory information sent to it".

## Impressões subjetivas na arquitetura abandonada

Rafael Ferreira de Souza

indivíduo e que, conseqüentemente, modula as impressões estéticas dos cidadãos. “O campo de batalha dos modos de apreensão estética da cidade suscita permanentemente julgamentos de gostos subjetivos” (JEUDY, 2005, p. 115).

A poiesis contida na arquitetura permite traçar linhas de compreensão para o espaço abandonado. A linguagem percorre caminhos dissemelhantes onde interpretação e subjetividade podem escamotear anseios e imaginários outrora não concebidos, como demonstra a autora britânica Rose Macaulay (1881-1958) em suas reflexões acerca das ruínas:

[...] no começo só é a ruína; uma massa de livros de orações rasgados e carbonizados espalhados pelo chão de pedra; as estátuas, caídas de seus nichos, invadiram peças; vigas e escombros se amontoam até os joelhos. Mas muitas vezes a ruína apresenta, em seu caos catastrófico e embriagado, um novo encanto bizarro. O que foi na semana passada a casinha monótona tornou-se um lance íngreme de escadas serpenteando ao ar livre entre paredes de cores alegres, banheiros ladrilhados, interiores claros e íntimos como um quadro holandês ou um cenário; a escada sobe e sobe, sem se intimidar, até o cume sem telhado onde encontra o céu. A casa apresentou melodrama; as pessoas param para olhar; aqui está uma cena doméstica aberta para que todos possam desfrutar. Amanhã ou à noite, os contempladores sentem, sua própria casa pode ser assim. Na noite passada, a casa estava linda; chamas saltando para o céu; hoje é sórdido e sombrio, mas em seu abandono ostenta as bandeiras do que sobrou (MACAULAY, 1966, p. 453-454).<sup>5</sup>

5 Tradução Livre de: “[...] at first there is only the ruin; a mass of torn, charred prayer books strew the stone floor; the statues, tumbled from their niches, have broken in pieces; rafters and rubble pile knee-deep. But often the ruin has put on, in its catastrophic tipsy chaos, a bizarre new charm. What was last week a drab little house has become a steep flight of stairs winding up in the open between gaily-coloured walls, tiled lavatories, interiors bright and intimate like a Dutch picture or a stage set; the stairway climbs up and up, undaunted, to the roofless summit where it meets the sky. The house has put on melodrama; people stop to stare; here is a domestic scene wide open for all to enjoy. To-morrow or to-night, the gazers feel, their own dwelling may be even as this. Last night the house was scenic; flames leaping to the sky; to-day it is squalid and morne, but out of its dereliction it flaunts the flags of what is left”.

Em seu texto, a autora se utiliza de uma narrativa poética que se mistura de forma harmônica com a descrição da ruína e de peculiaridades de sua arquitetura estilhaçada. O poder simbólico de imagens retorcidas desvela uma subjetividade intrínseca na leitura do abandono. A arquitetura abandonada atua dessa maneira como uma metáfora, repleta de sentidos e, portanto, também de significados. A metáfora e a metafísica, contidas na confrontação com o objeto arquitetônico está permeando toda a nossa experiência de compreensão do espaço construído e vivido. Nossos sentidos são responsáveis pela transmissão dos sinais que iremos decodificar e transpor para a concretude instaurada na presença do ambiente. Nesse contexto que entrelaça a arquitetura e o mundo das ideias, a autora Alice Tepedino (2016, p. 119, destaques no original) nos alerta:

Metafísico é tudo aquilo que está para além da dimensão física, é uma idealização que se dá no espaço da consciência, pertence ao mundo das ideias. A metafísica da presença se manifesta na arquitetura nessa condição que impede a relação direta do sujeito com a arquitetura. Essa relação é sempre intermediada pelo signo arquitetônico, ela nunca é direta. Assim, apesar da arquitetura se apresentar como **pura presença** física, a relação dessa presença com o sujeito nunca é direta e imediata. Isto é, não é possível para o sujeito ler os fatos arquitetônicos em sua pura presença, não é possível olhar os objetos arquitetônicos e ter contato direto com a forma e materialidade daquilo, porque o que vem antes é sempre a ideia do que aquilo representa. Ao entrar em contato, através do olhar, com os elementos arquitetônicos, não se vê matéria, mas significado/sentido; a ideia do que cada signo traz consigo.

Esse signo comunicacional assume importância distinta quando se volta o olhar ao abandono. Esse ambiente assimétrico se traduz através da semiótica de sua linguagem fragmentada, onde a arquitetura

## Impressões subjetivas na arquitetura abandonada

Rafael Ferreira de Souza

despedaçada é indicativa do potencial simbólico imbricado em sua linguagem.

Dentro desse contexto, atento para uma análise mais apurada das percepções multissensoriais da cidade propostas neste artigo e, especificamente das arquiteturas abandonadas, através da realização de algumas incursões no município de Petrópolis, RJ. Nessa atividade percebi que as antigas fábricas abandonadas se revelaram campo fértil para apuração de percepções e sentidos contidos nesse tipo peculiar de arquitetura.

Um dos destaques da exploração urbana foi a antiga Fábrica da Batata James – localizada no bairro Valparaíso – que encerrou suas atividades no início do século XXI, permanecendo abandonada por mais de 17 anos. Apesar de uma ocupação<sup>6</sup> ter se instalado na base do prédio, o edifício continua completamente abandonado, gerando imagens e sensações únicas em uma investigação no local.

O cenário apocalíptico com maquinários abandonados<sup>7</sup> em meio aos destroços arquiteturais nos causa uma sensação de estranhamento e,

6 Atualmente existe uma pequena serralheria funcionando no térreo do prédio. Em conversa com o responsável pela mesma, esse me relatou que ocupou o espaço a pedido do dono do imóvel, com o intuito de se evitar a presença de traficantes e usuários de drogas no local. Comentou também que o imóvel iria a leilão e que nos últimos anos mesmo a polícia tinha tido dificuldades em retirar do prédio inúmeros usuários de drogas que estavam tentando se fixar no local, causando certa insegurança na vizinhança da região.

7 “Por meio de processos de decadência e intervenção não humana, objetos em ruínas gradualmente transformam seu caráter e perdem sua discreto, tornam-se carregados de propriedades estéticas alternativas, impõem sua materialidade à experiência sensorial dos visitantes e evocam os fantasmas esquecidos daqueles que foram consignados ao passado após o fechamento da fábrica, mas continuam a assombrar as instalações” (EDENSOR, 2005, p. 311).

Tradução livre de: “Through processes of decay and non-human intervention, objects in ruins gradually transform their character and lose their discreteness, they become charged with alternative aesthetic properties, they impose their materiality upon the sensory experience of visitors, and they conjure up the forgotten ghosts of those who were consigned to the past upon the closure of the factory but continue to haunt the premises”.



Figura 1 – Fachada da Fábrica abandonada da Batata James, Petrópolis, RJ

Fonte: R. F. de Souza, maio 2019.

todo som<sup>8</sup> emitido no ambiente nos coloca num estado de apreensão e de dramatização da experiência espacial (TUAN, 1983, p. 18). Nosso imaginário é constantemente permeado por assombros ilusórios trazidos a mente pelo ambiente corroído pela ação do tempo. Essa perturbação que recebemos e excedemos nos posiciona em um estado de transcendência propício a nos deslocar das regras e das normas citadinas dos espaços da cidade, capacitando dessa forma um processo imaginativo e de subjetivação alinhados a uma contemplação com viés de escapismo e, portanto, repleto de novas possibilidades interpretativas.

Assim como afirma Mark Minkjan (2019, n.p.):

8 Os sons, embora vagamente localizados, podem transmitir um acentuado sentido de tamanho (volume) e de distância. Por exemplo, numa catedral vazia, o ruído de passos ressoando claramente no chão de pedra cria a impressão de uma vastidão cavernosa” (TUAN, 1983, p. 17).

## Impressões subjetivas na arquitetura abandonada

Rafael Ferreira de Souza

A sensação perturbadora da ruína moderna é definitivamente de melancolia. Mas há mais do que apenas depressão sobre os tempos passados e tudo indo para o lixo. Os espaços deixados para trás podem ser uma liberação da narrativa espacial e cultural dominante de produtividade e função que está se estreitando ao redor de nossos pescoços. A ruína moderna oferece o alívio da imperfeição. Decadência desencadeia imaginação e contemplação. De repente, surgem possibilidades porque o tempo e o espaço não estão mais fixados dentro das convenções usuais de funcionalidade e beleza. A natureza indefinida dá às pessoas a oportunidade de reinterpretar independentemente lugares, histórias e futuros. E talvez até suas próprias vidas.<sup>9</sup>

O geógrafo britânico Tim Edensor (2005, p. 313) publicou um excelente artigo onde pondera sobre o significado dos objetos de uma fábrica abandonada e diz:

Tão logo uma fábrica é abandonada ao seu destino, o significado e utilidade anteriormente óbvios dos objetos evapora com o desaparecimento da rede estabilizadora que assegurou uma segurança epistemológica e prática.<sup>10</sup>

Essa trama de diferentes estímulos arquitetada por nossas mentes e por nossos corpos ganhou destaque nos estudos e publicações do arquiteto e professor finlandês Juhani Pallasmaa,

<sup>9</sup> Tradução livre de: "The disturbing sensation of the modern ruin is definitely one of melancholy. But there is more to it than only depression about times past and everything going to shit. The spaces left behind can be a liberation from the dominant spatial and cultural narrative of productivity and function that is tightening around our necks. The modern ruin offers the relief of imperfection. Decay triggers imagination and contemplation. All of a sudden, possibilities arise because time and space are no longer fixed within the usual conventions of functionality and beauty. The undefined nature gives people the opportunity to independently reinterpret places, histories and futures. And perhaps even their own lives".

<sup>10</sup> Tradução livre de: "As soon as a factory is abandoned to its fate, the previously obvious meaning and utility of objects evaporates with the disappearance of the stabilizing network which secured an epistemological and practical security".



**Figura 2** – Escada de acesso ao terceiro andar do edifício com equipamento abandonado, Petrópolis, RJ

Fonte: R. F. de Souza, maio 2019.



**Figura 3** – Maquinário exposto à ação do tempo envolto pela natureza, Petrópolis, RJ

Fonte: R. F. de Souza, maio 2019.

Impressões subjetivas na arquitetura abandonada  
Rafael Ferreira de Souza

que também se utiliza de aportes da fenomenologia enquanto método de pesquisa. Ao definir de maneira arguta o significado de uma imagem corporificada<sup>11</sup>, ele diz: “A imagem corporificada é uma experiência vivida especializada, materializada e multissensorial” (PALLASMAA, 2013, p. 11).

Destarte, percebemos que o imaginário mental é um ponto essencial de nossa experiência deambulatoria como ressalta passagens de texto do mesmo autor:

[...] o imaginário mental é um veículo fundamental para a percepção, o pensamento, a linguagem e a memória. A imaginação não é apenas a capacidade um tanto frívola de sonhar acordado – ela pode ser considerada a base de nossa própria humanidade.

[...] as experiências arquitetônicas mais profundamente arraigadas, em termos de existência e experiência, afetam nossas mentes por meio de imagens que são condensações de essências distintas de arquitetura. Experiências arquitetônicas duradouras consistem em imagens vividas e corporificadas que se tornaram uma parte inseparável de nossas vidas (PALLASMAA, 2013, p. 10-11).

<sup>11</sup> “Esses momentos de encontro entre o presente e o passado, experimentados através da exploração da arquitetura abandonada, criam flashes de confronto com inesperados traços de materiais que levam a descobertas carregadas de emoção através de uma prática corporificada que espelha o papel do arqueólogo asseando o material de superfície sem escavação profunda para analisar o caráter dos lugares – um vantamento de superfície afetivo. Como uma prática que temporariamente habita locais da história material, a exploração urbana constrói conjuntos de anexos emocionais complicados e de memória de lugares abandonados que combinam imaginações geográficas, históricas e experienciais pluritemporais para avaliar a história” (GARRET, 2011, p. 1050).

Tradução livre de: “These moments of encounter between the present and the past, experienced through physically exploring abandoned architecture, create flashes of confrontation with unexpected material traces that lead to emotionally charged discoveries through an embodied practice which mirrors the role of the archaeologist assaying surface material without deep excavation to analyse the character of places – a surface survey of affection. As a practice that temporarily inhabits sites of material history, urban exploration constructs assemblages of complicated emotional and memoria attachments to abandoned places that meld pluritemporal geographic, historical, and experiential imaginations to assay history”.

Essa experiência vivida da arquitetura de certa forma transmuta constantemente nossa relação com o espaço, um cruzamento de espaços mentais, cognitivos e espaços físicos, que através do imaginário mental indica a essência deambulatoria de nossa propriedade do que é corpóreo.

Todo esse panorama que conforma os lugares e que somos interpelados ao transitarmos pela cidade, trazem à tona os processos e entraves gerados na comunicação de signos, que estão presente nas imagens do espaço urbano e de suas arquiteturas.

Essa associação entre ação e contração imaginária, nos tornam capazes de ilustrar novos espaços em nosso cognitivo. Estes espaços são atravessados e dialogam estreitamente com a moldura concreta do espaço urbano-arquitetônico, mas também, com uma miríade de formações geradas - e/ou degeneradas - por nosso sistema perceptivo. E novamente considero um apoio das palavras de Juhani Pallasmaa (2013, p. 36):

Precisamos reconhecer que vivemos em mundos mentais e fundamentalmente subjetivos de memória, sonho e imaginação, assim como em um mundo física e materialmente percebido e compartilhado de maneira experimental. De forma paradoxal, nosso mundo nos é dado mas, ao mesmo tempo, é feito por nós mesmos. Em suma, encontramos o mundo como imagens e esse imaginário é extremamente autônomo, ele não avança por meio da causalidade, mas por caminhos extravagantes de modos inconscientes e imprevisíveis de associação.

A presença incontornável do imaginário em nossa relação com a arquitetura depreende um movimento que se alinha e se transforma com as mais variáveis distorções e planificações dos signos, contidos na leitura imagética que realizamos no ambiente de nosso entorno, como descreve Henri-Pierre Jeudy (2005, p. 82):

## Impressões subjetivas na arquitetura abandonada

Rafael Ferreira de Souza

A cidade se nutre de tudo que serve como signo porque tudo é chamado a funcionar como signo, de forma fugidia ou durável. Este sobrepeso de signos e de suas potencialidades incomensuráveis passa atracar as condições de aventura da percepção cotidiana da cidade.

Os limites interpostos na percepção multissensorial parecem se diluir a partir do momento que não se consegue alçar um gesto engessado, petrificado, porém, muito diferente, somos catapultados por um número indeterminado de impressões subjetivas, retidas no compasso cinético das imagens.

Assim como ressalta o autor australiano Jason Wasiak (2009, p. 16):

[...] podemos pensar no perpétuo cruzamento dos limiares, não somente como algo que caracteriza o movimento no espaço, mas também de algo que está estreitamente relacionado com as dimensões experienciais da comunicação, da percepção e da consciência.

Essa capilaridade de atravessamentos perceptivos mostra-se de fundamental importância na leitura do espaço arquitetônico e, não obstante, um arcabouço teórico que sustente essas reflexões.

Na seara da arquitetura e do urbanismo, de certo que o aporte da fenomenologia na disciplina foi ponto chave na possibilidade de novas interpretações e da leitura que fazemos da cidade. Sua natureza filosófica existencialista, que valora os fenômenos da consciência, formara um arcabouço metodológico indiscutivelmente inovador nos modos de se pensar a relação com a arquitetura. O caráter valorativo do sentido, e, portanto, da linguagem que emana da arquitetura, conduziu um novo olhar em sintonia com a experiência própria da exploração da arquitetura e do espaço urbano. Como ressalta o arquiteto e teórico espanhol Jorge Otero-Pailos (2010, p. 36):

O advento da fenomenologia, com sua crítica dos dualismos sujeito-objeto e suas concepções radicais de conhecimento corporificado, foi para os arquitetos como uma câmara ressonante na qual eles reconheceram as características intelectuais das práticas arquitetônicas amplificadas dentro do espaço legitimador da filosofia.<sup>12</sup>

Dessa vez, a teoria da arquitetura procurava se destacar do viés impessoal que os historiadores da arte e da arquitetura estamparam durante grande parte do desenvolvimento, e aprimoramento, dos estudos da área da arquitetura. Certamente o centro de debate na arquitetura ganhou contornos mais aproximados de nossa realidade, no ambiente da cidade, e da impreterível carga subjetiva que carregamos em nossa vivência. “[...] as idéias de prestar bastante atenção ao papel que a experiência sensorial desempenha em nossa compreensão da arquitetura” (OTERO-PAILOS, 2010, p. 12).

Em suas pesquisas sobre os caminhos da Geografia Humanista<sup>13</sup>, aparada em parte pelos estudos do geógrafo sino-americano Yi-Fu Tuan, o arquiteto e professor Werther Holzer aponta para o caráter implícito no enlace entre todas as percepções, que seria concedida através dos sentidos, tendo em vista que esses seriam nosso elo com a assimilação do mundo ao redor (HOLZER, 1992).

Retornando ao nosso cerne reflexivo, é válido sublinhar que as arquiteturas abandonadas condensam em sua imagética toda uma gama de sentidos, impossíveis de serem verificados em qualquer outro

<sup>12</sup> Tradução livre de: “The advent of phenomenology, with its critique of subject-object dualisms and its radical conceptions of embodied knowledge, was for architects like a resonating chamber in which they recognized the intellectual features of architectural practices amplified within the legitimizing space of philosophy”.

<sup>13</sup> “O método fenomenológico tem sido a pedra de roseta dos geógrafos humanistas inclinados a compreender o lugar a partir de sua essência, sobretudo, ao darem ênfase à perspectiva experiencial” (GONÇALVES, 2010, p. 21).

Impressões subjetivas na arquitetura abandonada  
Rafael Ferreira de Souza

ambiente; peculiaridade imanente na ambiência fantasmagórica apreendida nesses distintos locais.

Afinal, a relação imbricada entre arquitetura e a percepção do lugar é tamanha que parece não ser possível apartá-los. Em se tratando de espaços obsoletos, lugares onde os cidadãos já não povoam seus solos, a famigerada “cidade esquecida” é imbuída de uma conotação perceptiva e sensorial que aguça de forma tênue a ligação comentada entre a arquitetura, o lugar e seus limites. “Limite e limiar são elementos constituintes do lugar. Eles fazem parte de uma ‘figura’ que revela a espacialidade em questão” (NORBERG-SCHULZ, 1988, p. 46).<sup>14</sup>

E, mesmo que o trabalho da Geografia Humanista<sup>15</sup> tenha se debruçado sobre o assunto de forma exemplar, ainda sim acho sensato sublinharmos algumas reflexões de um arquiteto preocupado com o caráter existencial e, portanto, fenomenológico, desta temática: “Um lugar é um espaço que tem um caráter distinto” (NORBERG-SCHULZ, 1979, p. 5) e ainda: “O propósito existencial da construção (arquitetura) é, portanto, fazer um local se tornar um lugar, isto é, descobrir os significados potencialmente presentes no ambiente dado” (NORBERG-SCHULZ, 1979, p. 18).

Novamente voltando os olhares para as incursões realizadas em campo, vale ressaltar essa imbricada relação entre espaço, sentido e lugar analisando a antiga Pista Imperial de Esqui de Petrópolis, que fica localizada nos arredores do bairro Floresta, na região central da cidade. Este lugar abandonado há mais de duas décadas é um dos melhores exemplos do conceito de essência do lugar ou o espírito

<sup>14</sup> Tradução livre de: “They form part of a ‘figure’ which discloses the spatiality in question”.

<sup>15</sup> “Para os geógrafos humanistas, o lugar soa mais existencial do que uma categoria analítica delimitada por fundamentos rígidos e racionalistas” (GONÇALVES, 2010, p. 23).



Figura 4 – Antiga Pista Imperial de Esqui abandonada nos arredores do bairro Floresta, Petrópolis, RJ  
Fonte: R. F. de Souza, maio 2019.

do lugar como bem destacou Norberg-Schulz (1979) em seu emblemático livro “Genius loci: towards a phenomenology of architecture”.

Situada no ápice de um morro, com uma vista panorâmica de inúmeros bairros do município, essa antiga pista de esqui e teleférico foi fruto de um empreendedor italiano que residia em Recife, como constata Renato Pantoja (2013, n.p.) em seu site “Lugares Esquecidos”:

A Imperial Pista de Esqui foi inaugurada no bairro Floresta no dia 8 de novembro de 1982. O criador do projeto foi o empresário David Santini, italiano que morava em Recife, Pernambuco. Além do teleférico, funcionou no local uma pista artificial de esqui. Atraído pela paisagem e pelo clima de Petrópolis, em 1974 Santini iniciou os primeiros contatos com a prefeitura para a construção de uma estação de esqui. Em 1975, foi assinado um contrato entre a Esquitur, empresa da qual Santini era presidente, e a prefeitura. Pelo contrato, a empresa se comprometia a criar um parque esportivo com pista de esqui para a cidade, e a prefeitura de Petrópolis deveria abrir um acesso calçado à pista e levar água e luz ao alto do morro da Floresta.

## Impressões subjetivas na arquitetura abandonada

Rafael Ferreira de Souza

Esse é o único morro em que se tem uma panorâmica completa da cidade, com vista de 360 graus para os vales e montanhas. É um morro solto em meio a um vale – explicou na época Santini. Eram sete pequenas elevações que foram unidas para que ficassem com as inclinações exigidas para o corte da pista. Para isso, foram necessárias cerca de cinco mil horas de trabalho. “O teleférico era composto de 40 cadeiras de duas pessoas, com capacidade máxima para 4.800 pessoas/hora. A estação inicial era na entrada do parque, levando em primeiro estágio até a parte do caminho onde havia uma lanchonete com vista panorâmica para a cidade. Em segundo estágio, o teleférico ia até o posto mais alto, a 1.196 metros de altitude, na estação do tobogã, com duas pistas. O parque foi desativado, devido à baixa visitação, no início dos anos 1990. Desde então, está abandonado.

Com uma área bastante distinta, esse lugar abandonado emana um certo misticismo<sup>16</sup> que se reflete de forma clara nas sensações sentidas na exploração do local. Certamente que a altura da topografia e o silêncio contido em um lugar extenso, sem vida, quase que retomado pela natureza, comunica uma especificidade central no debate da essência do lugar. “Em geral, a identidade humana depende da possibilidade de concretizar o espaço existencial” (NORBERG-SCHULZ, 1988, p. 38).<sup>17</sup>

É difícil imaginar uma outra vida ativa em seu solo. A atual paisagem é de um território fantasmagórico onde uma vida prévia

<sup>16</sup>Se pensarmos o misticismo no contexto da exploração urbana como uma mudança temporal e emocional com o lugar, vale ressaltar os pensamentos de Garret (2011, p. 1065): “Explorar ruínas revela um ritmo temporal e uma escala diferente que nos desafiam a aumentar nossa consciência, concentração e participação. Através dessas explorações, entramos em um relacionamento intensamente emocional com o lugar”.

Tradução livre de: “Exploring ruins reveals a different temporal pace and scale that challenges us to increase our awareness, concentration, and participation. Through these explorations, we enter an intensely emotional relationship with place”.

<sup>17</sup>Tradução livre de: “In general human identity depends on the possibility of concretizing existential space”.



Figura 5 – Equipamento abandonado na pista de esqui com lanchonete ao fundo em ruína, Petrópolis, RJ

Fonte: R. F. de Souza, maio 2019.

deixou rastros de sua presença indelével. Essa experiência<sup>18</sup> do contato direto com o lugar<sup>19</sup> abandonado, afim de se efetuar registros perceptivos, de certo nos serve como embasamento para nossa pesquisa qualitativa.

Temos que o enlace entre os espaços mentais, físicos e cognitivos são uma amálgama indissociável e, portanto, passível de ser analisada a partir de premissas de cunho fenomenológico como corrobora a passagem: “Um lugar é, portanto, um fenômeno qualitativo, ‘total’, que não podemos reduzir a nenhuma de suas propriedades, como as relações espaciais, sem

<sup>18</sup>“Com efeito, a noção de experiência é tão importante para a Fenomenologia quanto para a Geografia Humanista. A experiência é o que precede a realização dos lugares, impregnando o espaço com conteúdo vital. Nesse sentido, a adoção de um olhar fenomenológico apresenta-se cabível para descobrir essa relação” (GONÇALVES, 2010, p.22).

<sup>19</sup>“Por sinal, a categoria de lugar está intimamente relacionada à concepção de experiência. De maneira que definir o que se entende por experiência também é fundamental para que se possa levar a diante um estudo da categoria de lugar sob o enfoque da Geografia Humanista” (GONÇALVES, 2010, p.53).

perder de vista sua natureza concreta” (NORBERG-SCHULZ, 1979, p. 8), e ainda: “Sendo totalidades qualitativas de natureza complexa, lugares, não podem ser descritos por meio de conceitos analíticos, ‘científicos’” (NORBERG-SCHULZ, 1979, p. 8).

Findada a primeira seção do artigo, darei continuidade a segunda e última seção do trabalho, onde ressaltarei questões relevantes da imagética contida nas arquiteturas abandonadas antes de tecer comentários conclusivos nas considerações finais.

### IMAGÉTICA NA EXPERIÊNCIA DA ARQUITETURA ABANDONADA

Essa cidade que quero considerar onde se justapõe inúmeras vertentes do objeto arquitetônico é repleta de sentidos, locus por onde também se induz a produção de sentimentos nos cidadãos que nela transitam. Nesse arcabouço, convivem de forma cacofônica<sup>20</sup> um ambiente sequencial, de cenários abjetos e de cenários aprazíveis, gerando essa modulação contida em um movimento cinético, onde o indivíduo, em sua experiência, reverbera injunções subjetivas partícipes do invólucro espacial de suas cercanias.

E mais uma vez, Henri-Pierre Jeudy (2005, p. 84) nos traz clareza ao apontar:

O poder sentimental imposto pela cidade não tem paralelo com nenhum julgamento objetivo. A relação estética que nós mantemos com o mundo, ou que o próprio mundo provoca, essa relação movimentada, sempre incerta, tem como origem a experiência cotidiana da cidade.

Nessa experiência cotidiana da cidade destacada pelo autor, as qualidades físicas do ambiente construído também se modulam com

<sup>20</sup>Embora o termo cacofonia remeta inicialmente a mistura de sons discordantes de uma música acho sensato à inserção no artigo tendo como referência a emblemática frase, dita por Johann Wolfgang Von Goethe: “A arquitetura é música petrificada”.

suas nuances do abandono, presentes de forma inegável na cidade. Esse cenário, componente da conformação arquitetural<sup>21</sup>, influencia diretamente nosso imaginário. “O próprio fato de a linguagem nomear essas coisas (elementos arquitetônicos) comprova a importância de tipos de imagens que visualizam a estrutura básica da espacialidade” (NORBERG-SCHULZ, 1988, p. 48).<sup>22</sup>

O aniquilamento niilista refinado das arquiteturas abandonadas, se torna assim caráter pleno de sua ‘re-existência’ no terreno da cidade, que jazia. Essa arquitetura do descalabro comunga em sua estética uma comunicabilidade imagética que destrona a intenção do “anteparo” pretendido por muitos arquitetos e urbanistas, preocupados tão somente em tornar estéril a imagem da cidade.

Mas essa dificuldade em se considerar a pluralidade da conformação arquitetural da paisagem da cidade pode conter um embrião discricionário, como ressaltava Mark Minkjan (2019, n.p.):

[...] as ruínas de tempos passados são amplamente apreciadas e consumidas como memórias de mundos que não existem mais. Torna-se angustiante, no entanto, quando nos deparamos com edifícios obsoletos ou decadentes de nossos tempos. É quando chega-se perto, perto demais para alguns, porque é sobre nós mesmos. Uma cultura tão obcecada pelo progresso e pelo impecável tem dificuldades em lidar com as inevitáveis curvas descendentes das leis universais.<sup>23</sup>

<sup>21</sup>“Na falta de livros e instrução formal, a arquitetura é uma chave para compreender a realidade (TUAN, 1983, p.114)”.

<sup>22</sup>Tradução livre de: “The very fact that language names these things (architectural elements), proves the importance as types of image which visualize the basic structure of spatiality”.

<sup>23</sup>Tradução livre de: “[...] ruins from times long past are widely appreciated and consumed as memories of worlds that no longer exist. It becomes distressing, however, when we encounter obsolete or decaying buildings from our own times. This is when it gets close, too close for some, because it is about ourselves. A culture so fixated on progress and spotlessness has difficulties dealing with the inevitable downward curves of universal laws”.

Tributária de sua representação, a cidade e suas arquiteturas abandonadas, expõem um significado obtuso aos seus cidadãos. Esses indivíduos então elaboram um quadro de cunho intersubjetivo entre os atributos presentes na imagem criada e seus objetos físicos em si. Remetendo de certa forma, ao conceito de imaginabilidade<sup>24</sup> desenvolvido pelo escritor e urbanista estadunidense Kevin Lynch.

A convivência dos cidadãos, através de suas experiências contidas nas distintas temporalidades e também nos díspares espaços da cidade, nos faz requerer um esforço analítico que procure evitar um distanciamento das pessoas, dos espaços e dos lugares habitados e, portanto, faz-se necessário o aporte da filosofia da percepção através da contribuição do filósofo francês Maurice Merleau-Ponty (1999, p. 357, destaques no original) para maior esclarecimento:

Mas a coexistência, que com efeito define o espaço, não é alheia ao tempo, ela é a pertença de dois fenômenos à mesma vaga temporal. Quanto à relação entre o objeto percebido e minha percepção, ela não os liga no espaço e fora do tempo: eles são **contemporâneos**. A "ordem dos coexistentes" não pode ser separada da "ordem dos sucessivos", ou antes o tempo não é apenas a consciência de uma sucessão. A percepção me dá um "campo de presença" no sentido amplo, que se estende segundo duas dimensões: a dimensão aqui-ali e a dimensão passado-presente-futuro.

<sup>24</sup>"[...] as qualidades físicas relacionadas aos atributos de identidade e estrutura de imagem mental. Isso nos leva à definição daquilo que se poderia chamar de imaginabilidade: a característica, num objeto físico, que lhe confere uma alta probabilidade de evocar uma imagem forte em qualquer observador dado. É aquela forma, cor ou disposição que facilita a criação de imagens mentais claramente identificadas, poderosamente estruturadas e extremamente úteis ao ambiente. Também poderíamos chamar de legibilidade ou, talvez, de visibilidade num sentido mais profundo, em que os objetos não são apenas passíveis de serem vistos, mas também nítida e intensamente presente aos sentidos" (LYNCH, 1999, p. 11).

Esse "campo de presença" atenua a condição multissensorial pertencente à experiência vivida da arquitetura, ele é índice da indelével condição de coexistência entre nosso corpo, nossa mente, nosso olhar e de todo o invólucro presente no espaço arquitetônico.

A quebra de paradigma no modo em que presenciamos a cidade e também de suas representações simbólicas, faz das arquiteturas abandonadas lugares de distinta peculiaridade, que possibilitam assim um novo entendimento dos fragmentos<sup>25</sup> que compõe a paisagem urbana dos espaços cidadãos, e das relações intrínsecas entre o sujeito e seus espaços: "Tudo nos reenvia às relações orgânicas entre o sujeito e o espaço, a esse poder do sujeito sobre seu mundo que é a origem do espaço" (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 338).

E ainda considerando esta mesma abordagem que reforça a trama estabelecida no emaranhado minucioso entre sujeito, sua percepção e o objeto; em outras palavras, entre o indivíduo e o espaço em que vive, vale ressaltar um pensamento: "Todos nós somos artistas e arquitetos de paisagens, criando ordem e organizando espaços, tempo e causalidade, de acordo com nossas percepções e predileções" (LOWENTHAL, 1982, p. 141).

Nas relações e intenções vividas no ambiente urbano, a estética da cidade que se encontra em frequente mutação e transposição, também deve abarcar o abandono e seus componentes nas paisagens da desolação: "Estes são lugares universalmente percebidos como

<sup>25</sup>"[...] fragmentos e traços tão díspares, e as estranhas impressões que provocam, não podem ser entrelaçados numa narrativa eloquente. Assim, histórias recuperadas das ruínas devem ser construídas a partir de uma confusão de coisas desconectadas; traços fantasmagóricos e enigmáticos que permanecem e nos convidam a preencher os espaços em branco". (EDENSOR, 2005, p. 330). Tradução livre de: "[...] such disparate fragments and traces, and the uncanny impressions they provoke, cannot be woven into an eloquent narrative. Accordingly, stories retrieved from ruins must be constructed out of a jumble of disconnected things; ghostly, enigmatic traces that remain invite us to fill in the blanks".

Impressões subjetivas na arquitetura abandonada  
Rafael Ferreira de Souza

perigosos ou proibitivos, no entanto há uma sedução misteriosa e um apelo estético a essas paisagens” (WELLS, 2016, p. 11).

A frequência de fissuras na tessitura urbana contempla também as arquiteturas abandonadas, que neste estudo consideramos como uma presença ubíqua na conformação arquitetural da cidade. Retornando dessa forma a importância que a fenomenologia exerceu nas pesquisas e estudos da arquitetura, com especial ênfase na experiência vivida e na estética da cidade:

A fenomenologia arquitetural refere-se a este ambíguo campo intelectual e ao processo pelo qual os arquitetos se conscientizaram de sua ambiguidade, testando, contestando, celebrando e explorando com a finalidade de defender a crença de que a prática arquitetônica incorporava um modo único de intelectualidade que não podia ser separado da experiência estética (OTERO-PAILOS, 2010, p. 9).<sup>26</sup>

A experiência estética da arquitetura, que antes era renegada em prol de uma abordagem mais historicista, permitiu que os arquitetos se debruçassem sob um enfoque mais existencial da apreensão dos espaços, sobretudo intencionando uma interlocução com o conhecimento adquirido de outras áreas do conhecimento, como a filosofia. A estética não seria apenas espelho de estilos cunhados ao longo da história e sim ela mesma uma condição particular e integrante da experiência multissensorial.

Como parte constituinte de um panorama mais amplo e, portanto, mais democrático da experiência cidadina, as arquiteturas abandonadas

<sup>26</sup>Tradução livre de: “Architectural phenomenology refers to this ambiguous intellectual realm and to the process whereby architects became aware of its ambiguity, testing, contesting, celebrating, and exploiting it for the purpose of defending the belief that architectural practice embodied a unique mode of intellectuality that could not be separated from aesthetic experience”.

assumem papel de destaque na presentificação<sup>27</sup> que se estabelece em cada indivíduo que se comunica, e se reconhece, nas imagens e nas identidades diversas abarcadas nas cidades e em seus lugares. O que nos leva a obrigação de trazer a superfície, as considerações de extrema importância, sobre o lugar, onde se destaca os pensamentos de cunho existencial-fenomenológico de Christian Norberg-Schulz (1979, p. 21): “Entendemos que a identidade humana é em grande parte uma função de lugares e coisas”, e ainda: “A identidade humana pressupõe a identidade do lugar” (NORBERG-SCHULZ, 1979, p. 22).

Doravante, é necessário abordar a representação simbólica da cidade, que está imbuída de um caráter imagético. Como já salientado, através dessas imagens contidas no espaço urbano executamos leituras plurais atreladas ao nosso cognitivo, e, por conseguinte, condicionada por um processo de subjetivação. Essas impressões subjetivas, no caso das arquiteturas abandonadas, exaltam certa modalidade distinta de identidade ao sujeito, que se vê e se entende através da sua experiência na cidade. “Ruína deve ser uma fantasia, velada pela imaginação sombria da mente” (MACAULAY, 1966, p. 455-455)<sup>28</sup>.

Ou como aponta Ângela Katuta (2013, p. 17):

Tempo e Espaço são instrumentos de orientação indispensáveis aos seres humanos na realização de suas tarefas. Essas, por sua vez, supõem uma certa visão a respeito da natureza do mundo. Assim, a organização do curso dos acontecimentos, a partir de determinados padrões perceptivos, realiza-se por meio desses instrumentos que nos propiciam padrões de significados engendrados por intermédio das linguagens.

<sup>27</sup>Ato pelo qual um objeto se torna presente sob a forma de imagem (PRESENTIFICAÇÃO, 2020).

<sup>28</sup>Tradução livre de: “Ruin must be a fantasy, veiled by the mind’s dark imaginings”.

## Impressões subjetivas na arquitetura abandonada

Rafael Ferreira de Souza

E para que essa experiência do pensar, comunicar, sentir e representar a cidade permita assimetrias de significações – sem anulação de percepções e comunicações simbólicas – faz-se necessário um aporte estruturante provindo novamente da filosofia da percepção que contempla os espaços e seus elementos indissociáveis, a supracitada arquitetura e sua ambiência: “Ter a experiência de uma estrutura não é recebê-la em si passivamente: é vivê-la, retomá-la, assumi-la, reencontrar seu sentido imanente (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 348)”.

Sentido e arquitetura<sup>29</sup>, espaço e lugar, significados e linguagens. Tudo isso parece concatenar um escopo existencial indissociável de nossa experiência citadina de exploração da cidade. A ciência social aplicada que busca investigar as questões do campo da arquitetura e urbanismo precisa, portanto, se desenvolver *pari passu* a experiência e as leituras exercidas pelos cidadãos, pelas pessoas e suas habilidades perceptivas e sensoriais.

Ecoando reflexões acerca dos aportes fenomenológicos sobre o simbólico: “A natureza dos fenômenos priva o mundo de qualquer forma estática ou absoluta, e mostra que estamos diante de uma interação de forças em constante mudança” (NORBERG-SCHULZ, 1988, p. 20)<sup>30</sup>. E ainda:

Uma discussão completa da percepção e simbolização foi, portanto, incluída, e foi enfatizado que o homem não pode ganhar uma posição através do entendimento científico sozinho. Ele precisa de símbolos, isto é, obras de arte que “representem situações de vida” (NORBERG-SCHULZ, 1979, p. 5).

<sup>29</sup>“O meio ambiente construído, como a linguagem, tem o poder de definir e aperfeiçoar a sensibilidade. Pode aguçar e ampliar a consciência. Sem a arquitetura, os sentimentos sobre o espaço permanecem difusos e fugazes” (TUAN, 1983, p. 119).

<sup>30</sup>Tradução livre de: “The nature of phenomena deprives the world of any static or absolute form, and shows that we are facing interplay of ever-changing forces”.



**Figura 6** – Arquitetura abandonada produz significados assimétricos em sua linguagem, Estrada da Saudade, Petrópolis, RJ  
**Fonte:** R. F. de Souza, maio 2019.

Galvanizando assim, de certa forma, um olhar atento às nuances que compõe os distintos panoramas constituintes do espaço urbano, e especificamente em nosso estudo, das arquiteturas abandonadas – e em última instância dos lugares abandonados – como corpo rígido, presente e atrelado a conformação arquitetural de nossas cercanias.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou investigar questões relativas à subjetividade que desenhamos ao explorar a cidade e seus elementos arquiteturais. Considerando em especial a arquitetura abandonada, o artigo pretendeu alinhar conceitos desenvolvidos por autores distintos que utilizaram aportes da fenomenologia como método de pesquisa.

A arquitetura abandonada que atua como uma metáfora, repleta de sentidos e, portanto, também de significados, persegue um imbricado

Impressões subjetivas na arquitetura abandonada  
Rafael Ferreira de Souza

limiar entre a metáfora e a metafísica, contidas na confrontação com o objeto arquitetônico que permeia toda a nossa experiência de compreensão do espaço construído e vivido.

Arquitetos-teóricos como Christian Norberg-Schulz, Juhani Pallasmaa e Jorge Otero-Pailos abordaram de maneiras distintas a relação da arquitetura com a experiência vivida, além de também nos situar quanto à importância do debate fenomenológico na arquitetura, que propiciou uma guinada no *modus operandis* de se pensar o próprio espaço arquitetônico.

Com ênfase na percepção e nos sentidos, a filosofia fenomenológica do filósofo Maurice Merleau-Ponty trouxe princípios fundantes no entendimento da relação da percepção visual, da mente e da corporeidade, contida em nossa experiência citadina deambulatória na arquitetura da cidade e em específico no nosso estudo, da arquitetura abandonada.

Os limites interpostos parecem se diluir a partir do momento que não conseguimos alçar um gesto engessado, petrificado, porém, muito diferente, somos catapultados por um número indeterminado de impressões subjetivas, retidas no compasso cinético das imagens. Nesse contexto, vale ressaltar a contribuição de Henri-Pierre Jeudy e suas reflexões fenomenológicas acerca da representatividade simbólica da imagética da cidade em seus mais diversos atributos.

Não obstante, a relação entre arquitetura e lugar, onde a essência ontológica obtém papel relevante na possibilidade de leituras do espaço vivido, pode nos posicionar em um viés aberto a pluralidade das questões existenciais do homem no espaço.

No intuito de prover uma interlocução mais ajustada com o leitor, imagens de arquiteturas abandonadas registradas na cidade de Petrópolis/RJ providenciaram um repertório imagético com o propósito de se alcançar uma comunicabilidade de maior clareza na pesquisa.

Destarte, finalizo os pensamentos expressos no presente artigo, procurando sublinhar a importância de capacitarmos nosso olhar as propostas que procuram entender a semântica e a linguagem da arquitetura em estado de abandono. Em um esforço analítico que concatene uma ampliação dos termos de entendimento da arquitetura para um possível viés de leitura, onde a fenomenologia pode-se tornar uma importante ferramenta de compreensão dos espaços arquitetônicos abandonados. ☉

#### REFERÊNCIAS

EDENSOR, Tim. Waste matter - the debris of industrial ruins and the disordering of the material world. **Journal of Material Culture**, v. 10, n. 3, p. 311-332, 2005.

GARRET, Bradley L. Assaying history: creating temporal junctions through urban exploration. **Environment and Planning D: Society and Space**, v. 29, p. 1048-1067, 2011.

GONÇALVES, Leandro Forgiarini de. Ideias de lugar: aportes transdisciplinares para o entendimento do sentido de lugar na arquitetura. 155 f. **Tese** (Doutorado) – PROPAR, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2017.

HOLZER, Werther. A Geografia Humanista – sua trajetória de 1950-1990. **Dissertação** (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1992.

JEUDY, Henri-Pierre. **Espelho das cidades**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.

KATUTA, Ângela Massumi. A(s) natureza(s) da cartografia. **Revista Geograficidade**, v. 3, p. 7-21, Número Especial, 2013.

LOWENTHAL, David. Geografia, experiência e imaginação: em direção a uma nova epistemologia geográfica. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio (Org.). **Perspectivas da geografia**. São Paulo: Difel, 1982. p. 103-141.

Impressões subjetivas na arquitetura abandonada  
Rafael Ferreira de Souza

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MINKJAN, Mark. Maybe modern ruins are just the kind of failure we need. 18/02/2019. **Failed Architecture**. Site. Disponível em: <https://failedarchitecture.com/maybe-modern-ruins-are-just-the-kind-of-failure-we-need/>. Acesso em: 19 jun. 2019.

NORBERG-SCHULZ, Christian. **Architecture: meaning and place – selected essays**. New York: Electa/Rizzoli, 1988.

NORBERG-SCHULZ, Christian. **Genius loci: towards a phenomenology of architecture**. New York: Rizzoli, 1979.

OTERO-PAILOS, Jorge. **Architecture's Historical Turn: Phenomenology and the Rise of the Postmodern**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2010.

PALLASMAA, Juhani. **A imagem corporificada: imaginação e imaginário na arquitetura**. Tradução de Alexandre Salvaterra. Porto Alegre: Bookman, 2013.

PANTOJA, Renato. Teleférico de Petrópolis, a Imperial Pista de Esqui – Rio de Janeiro. 27/03/2013. **Lugares Esquecidos**. Site. Disponível

em: <http://www.lugaresesquecidos.com.br/2013/03/teleferico-de-petropolis-imperial-pista.html>. Acesso em: 02 jun. 2019.

PRESENTIFICAÇÃO. **Dicio**, Dicionário Online de Português, 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/presentificacao/>. Acesso em: 20 de novembro de 2020.

ROTH, Leland M. **Understanding architecture: its elements, history, and meaning**. 1 ed. Boulder: Westview Press, 1993.

TEPEDINO, Alice Varella. **Arquitetura entre matéria e sentido: Projeto, presença e crítica no campo ampliado da cultura contemporânea**. 178 f. **Dissertação** (Mestrado em Arquitetura) – Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2016.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Ed. DIFEL, 1983.

WASIAK, Jason. Ser-na-cidade: uma aproximação fenomenológica da experiência tecnológica. Trad. de Werther Holzer. **Geograficidade**, v. 7, n. 1, p. 4-20, 2017.

WELLS, Jeremy. Aspectos teóricos e aplicados da integração da fenomenologia à prática da conservação. Trad. de Letícia Padua. **Geograficidade**, v. 6, n. 1, p. 4-18, 2016.

Submetido em Julho de 2019.

Revisado em Junho de 2020.

Aceito em Novembro de 2020.